

COM AFETO

Livro 56

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



O PARAÍSO

Me deleito olhando as graças, as delicadezas, e em especial os temidos olhos que eletrizam com seus maravilhosos convites à minha pendente imaginação. Enquanto duram esses atos, guardo o mais absoluto silêncio embriagado por uma íntima e inconfessável emoção contente como se houvesse alcançado o paraíso.



CERIMÔNIAS

Cerimônias deixam visíveis feridas, me falam de obediências, mentiras simples e aceitadas, omissões de mortes, lutos, corrupções, corruptores com suas enormes caudas brancas e alma-de-gato, aves de rapina de cor arrogante. Silêncios ruidosos anunciam o caminho dos fracassados, a rota dos suicidas, as orações desprovidas de afeto, os cacarejos, uivos, assovios, arrulhos de todas as espécies.

FLUTUO

De tuas fendas explode a alegria, com a qual brinco feito criança entre magníficos trajetos acompanhados da carícia, da cobiça, do olhar vigoroso e consentido. Todos os trajetos sulcados me levam a outras fendas, afluentes vazando amores ardorosos da periferia ao centro, da urgência à calma, da brevidade à tardança. Avanço não poupo pecados, me banho na orla dos lábios, lavro, semeio até me transformar no teu desejo.



PRETEXTOS

Faltam-me pretextos. Venho de uma incômoda tristeza, com o prumo avariado, indisposto com o mundo, cumprindo uma promessa de silenciar o insulto. Quando o lugar que me pertence gritar por mim, retomarei meu lugar na fotografia.

SENTIDOS

Tenho os sentidos menos intactos, a paciência desiludida, a paz adormecida, o truque revelado, a chaga ainda ferida, o cansaço de quem vem de longe. Tenho a forma moldada pela gravidade e a rotina pelo silêncio.



CONVERSÃO

Converto em fantasias enriquecidas o teu gesto. Exalto o tato, a sensibilidade, o sentimento. Examino os custos, as testemunhas, os receios, os esforços, as vantagens. Cumpro no decurso destas realizações comover-me em todos os sentidos, restauro vazios, exprimo emoções, me perco, não sei o que fazer.

Que me importa se é mau costume, um desaforo, se me ofende a tua falta de sensibilidade? Tiro os meus afetos do teu caminho toda vez que te manifestas fora do assunto. Extravio a mensagem, subtraio a fraude incluída na tua indiferença, meu contentamento migra a uma rota correspondida em busca de mantimentos adoçados por reconhecimentos.

PRONTIFICO

Prontifico-me a restituir minha prudência ao seu devido lugar. Caso alcance restabelecer a paz, devolverei tua segurança emprestada, teu delírio que segurou minha esperança por um fio, e a tua calma que podou meus medos.



TENHO TUDO A PERDER

Por minha conta e risco, ancoo a asa no pássaro afoito que distribui flores, na terra teimosa que brota lançando para fora de si odores verdes, pujantes criaturas que me alimentarão na hora de ativar o sentimento decantado que reacende o amor e a vontade de amar.

ASTÚCIA

Macia e leve a astúcia definida como um sentido para espantar o impossível, extraiu do inesperado, o mal mais espesso, espirrou fora a arrogância insistente tirada dos êxitos superficiais. Priva de uma coisa ilegítima a rivalidade que visa tirar-lhe a esperteza. Esquecendo-se das etiquetas, a astúcia, deixou mais tenros os tratos, abrindo lugar para estabelecer-se no lugar consagrado para dar confiança.



TRANSFORMAÇÕES

Hoje, os enredos, as disposições, a falta de apetite acadêmico, evacua os humores pregam ilusões e não se nomeiam pelo nome que deva ser chamado. São transformações excessivas que desbotam a razão, atacam a sua legitimidade.

RENOVO

Renovo, devolvo à vida o ofertado não escolhido. Reabilitado da insalubre acolhida, do abraço vazio, do indisposto, dou novo alento, refaço os trilhos, aprimoro a boa vontade. Quanto aos amores mal amados, mal acolhidos, de segunda mão, depredados, amores de bolso, irreverentes, onipotentes, estreitos, sujeitos à insolvência; esses, repasso-os.



DEVOTO FIRMEZA

Devotei firmeza na resolução. Assumi os riscos firmes dos meus propósitos, embora fosse mero espectador do descumprimento que me cansou. Todos os pretextos foram para não continuar. Desacompanhado nesta empreitada passadoura, livro-me da mediação adiada. Antecipo um adeus.

DESEMBARCO

Desembarco na palavra retorcida as prescritas promessas de amor que te fiz. Falo duma desfiguração espalhada, foragida, testemunhadora do desejo que excedeu a realidade na premência dos entusiasmos. Feri o espírito da prudência quando evoquei a utopia como uma certeza. Angariei suspeitas ao atrelar o meu amor ao desfavorável.



AS VELAS

Rendo-me a vagar por aí feito vento pertinaz, temporal, chuva. Perspicaz, esse vento aprendiz desajeita as nuvens, move os mares, escolhe o lado por onde encarar as velas.

PALAVRAS DISFARÇADAS

Algumas palavras disfarçadas carregam afetos fragmentados. Emprestam suas sombras seguindo uma ideia preestabelecida. Com uma inspiração ousada, viajam por espaços imaginários, cogitam ter boas ideias, romanceiam quimeras abandonadas, sonham lugares, embalam ilusões. Essas palavras são rastilho entrando pelos olhos, dão o sinal para desvendar o apenas suspeitado. Reservadas, evitam prevenir, formular, avançar, expor. Abafam, sob a estreiteza do sonogado, a plenitude dos seus sentidos.



TENTO DEMITIR

Tento guardar as penas até vertê-las em reminiscências, trato de demitir o desânimo que derrota e sulca as tristezas; todo o carpido carrega a dor enlutada. Tento uma folia que insulte o enfado, um bom improvisado que traga uma resposta aceitável e ponha sal na ferida.

SILÊNCIO

Entrego ao silêncio a exaustão de haver dito palavras aquecidas pela convicção, reduzo-as à mansidão, nem mais um pio! Esta quietude importuna mesmo a paz, desentoa, faz sombra ao que eu teria para dizer. Tudo vaza no vazio.



FAÇO PROPOSTAS

Faço propostas, compareço fazendo objeções, encontro a porta fechada, adio os pactos, reservo-me fazer a partilha, repasso o compromisso, os encargos, as vaidades. Paro a sangria, padeço sensibilidades, conforto a consciência delicada, caída na tristeza. Parto para o retiro. Não quero viver com um corpo estranho, glacial, rugoso, que demite a estima.

AFETOS REPRESADOS

Densas e fartas animações começaram a ter uma vida regular após a percepção deixar um sabor, combustível a este que sou. Ganho terreno animando-me a lançar solicitações de amparo urgentes. Admito devolver os excessos, ser difícil de transportar, permear a escuta, coagular as ofensas, maleabilizar as críticas, resistir a teimosia, fluir o sumo, o sangue, o soro, o humor. Jorrar a seiva irrigando meus afetos represados.



VOU SEM RUMO

Tua presença despovoava minha vontade, habita inóspita o meu corpo que desavisado oscila entre um abraço desejado e um afastamento. Vou a esmo, evito voltar o rosto despedir-me neste clima de divergências nessa dispersão de afetos nesta ramificação de caminhos. Alastram-se as decepções, sobram os desembarques, faltam os ancoradouros. Fundeio-me distante, desocupo teus portos, abandono teus rumos.

EVOCO PALABRAS

Evoco uma prova, evito um confronto, quase não entendo de experiências, subentendo as manifestações, alcanço permitir a legitimidade dessa aventura que encontro quando escrevo. Conto o que percebo com mais frequência, me animo a enunciar, assinar, poderá parecer inútil, mas elevo os sonhos. Teço palavras que soam como memórias sobreviventes. Moldo a narrativa partilhando as palavras e os silêncios transportadores daquilo que a boca diz à mão, escrevo para que sejam duráveis sem risco de serem aniquiladas. Minha letra recita, são sinais que retêm a vida cotidiana despercebida, o afeto desobstruído, libertados da fiscalização. Atravesso o papel com um sentir anônimo, universal. Uso a palavra de todos, vinda de um lugar desconhecido, aflorando como água da fonte, cheia de surpresas, astutas, assustadas, convergentes, abundantes, ousadas, instáveis, em permanente mutação. Previno, alerta, aviso, informo, são demandas sem apelação, nem agravo. Avolumam-se na circulação, sem autoria, falam das alegrias, das melancolias, das chegadas. Depois batem em retirada, abatidas, cansadas pelo uso e por sofrerem sem queixas. Sem voz ativa jogam no equívoco da palavra rechaçada.

SEMPRE O MESMO

As contradições e os preconceitos sociais me impelem a aceitar que o regime político seja sempre o mesmo; o que se transforma são as elites e valores sobre os quais eles se apoiam para manter-se.



DEPOIS DE TUDO

Tendo ido falar de amores, dei-lhes uma menção especial, contrariando minhas razões encontrei corações partidos, incertezas nos vínculos, memórias nutridas de fracassos, faltas de ares e de princípios, fugas delirantes, amores com validades vencidas. Encontrei sorrisos rápidos entre gente desorientada. Já noutra lugar tivera a mesma sensação. Busquei o rumo, onde se autorizasse ficar, levar as vitórias, comer os frutos possíveis. Usar a cama e a mesa antes de seguir pelo mundo afora.

AS DORES

A maior das dores se regenera por si mesma. Apta a estender-se em todas as dimensões, busca proteção no autoconsolo. Gera para si mesma um conjunto natural de acolhimentos. Não suportando sofrer, cria uma tranquilidade renovadora dos equilíbrios perdidos.



EVITO

Informações fornecidas pelos sentidos espalham uma infinidade de realidade. Descobri nelas portas indispensáveis, janelas herméticas, espaços dominados e tempos descontrolados. Telhados ocultos mal cobrem o espaço desorientado onde se desenvolvem as tragédias, os prazeres, momentos capitais de graças e das desgraças, de certo modo o começo e o fim. Nesse espaço, domínios e direções. Todavia é ele que caminho sem violar o silêncio, desemboca nele o irregular, a repetição, a ira, o desafoço, o sonho cultivado, o riso contido, o uniforme e a cor que enxerto como uma alternativa para abolir os limites. Dou preferência às metáforas arbitrárias.

CIRCULO ENTRE

Circulo entre o passado e o presente. Enquanto o tempo permita, farei dessa capacidade a mais importante de todas. Devo a ela o poder de escutar ruídos, ouvir silêncios, fragmentar as pedras do caminho, ampliar a onda antes que ela se quebre.



QUISERA

Coube-me enfrentar os vestígios da água salgada, da dor difusa, do peito escaldado e do osso gastado, da pele arrancada que tenta fugir do seu lugar. Torno-me brasa, presto-me um favor sendo infiel às ordens, às ofensas, só não alcanço escapular ao uso sagaz das palavras engatilhadas, dos olhares fulminantes.

MEU MAL

Foste desfiladeiro, fonte, apoio, desafio, ensino, aliança, invento, futuro e promessa. Da consciência calada à inclusão de uma dignidade despojada, saturei. Uma esperança otimista deu corpo à melancolia ao patrimônio e ao presságio. Implantaste a farsa e o espanto, te apropriastes dos meus sentidos. Declamaste permanências disfarçadas, apoios com defeito e assuntos acessórios, ocupaste meu tempo principal. Não alcancei fim algum, tentei mais do que necessário. Não ficou nenhum valor agregado, posto tudo à mostra, restou a vergonha escondida.



SOMBRA

Não reconheço a sombra que anda comigo. Insistente, me atinge cruzando como uma passageira que me multiplica, tornando-me banal. Reivindica-me as mesmas origens alegando ser viciada em encontros

e desencontros. Sugiro-lhe outras companhias, ela insista em permanecer. Está inscrita em mim como uma tatuagem em negativo, testemunha minha vida, silenciosa, vive de repetir-me, me assiste na melancolia, na alegria, no dano e no ganho. É nela que se esconde toda minha memória.



A DOR

Amenizo a dor viciada que me invade a memória, ponho a cor da saudade no meu inventário. Audaciosa, a memória reafirma a dor. Quando percebo que ela se faz passar por sentimentos, expulso-a como se não fosse minha; ela se retorce, tentando convencer-me de que irá me dar frutos. Conhecedor da sua cor e do seu peso, viro a cara, deixando-a doer sozinha.

DEMISSÃO

Dispo meu corpo, retiro-o de circulação sem nenhuma expectativa. Jogo-o para longe do alvoroço dos toques banais ainda que sobre a vida preponderem relações viciadas, sem reverências. Quero meu corpo longe das hipocrisias coreografadas, irei até perder de vista as intimidades transmissoras de suspeitas.



ESCONDIDO NA MEMÓRIA

Escondido na memória quase tesouro, como os risos com graça e como a livre proposta da improvisação, fazer cantorias depois de beijar o violão e a hora seguinte, desconhecida, a espera do reconhecimento enquanto o perfume anônimo anima as peles e as imaginações por igual. Fogosas perspectivas, jogadas assim no mais, brincando feita criança, como sombra, silêncio acompanhante que corteja reconhecimentos, rituais, amores lícitos guardados com temores de retorno. Onde esses velhos jeitos de amar se mantém para o caminho do sonho licitar minhas loucuras que ainda esperam validação.

SONHAR SEM SABER

Sonhar sem saber o motivo, preciosas e mágicas imagens. Fazer tardios reencontros, possibilitar o impossível que se inaugura audaz, corajoso, restaurador. Sonhar lugares marítimos, aeronáuticos, fogosos, fugazes, eróticos. Sonhar um abraço à vida, ganhar outra chance, ter a revanche.



TODA A ENERGIA

Reconhecer o fim exige toda a energia que sobra. Perder, nesta vida que nunca prepara para tal, custa mais, leva consigo muitas outras decepções. Ainda que se invente que se pode buscar outro de outro modo, de nada vale o consolo inventado!

SEM PROTEÇÃO

Os abandonados, sem a proteção do amor que infundiu um valor ao viver, lutam por prazos, ajustam tolerâncias, mudam atitudes, tudo em nome do foragido amor. Mesmo aquilo que há de mais ilustre em cada um, se abate.



SAIO DO ABRIGO

Saio do abrigo para ser adulto, provar os doces gozos prometidos, negociar os caprichos negados, disfarçar os vícios, chamar os efêmeros momentos, ver os anjos cansados, a escassez de sonhos, o desembolso das últimas esperanças, as formas desesperadas, as falhas dos milagres, as vinganças onipresentes, o difundido desprezo pelo outro.

CRÉDITOS

É prudente não dar crédito aos que perderam o espanto e andam sem ele.



A ISSO TUDO ESTRANHO

Estranho a calidez das pessoas, a alegria dos sorrisos, os olhares profundos, os comentários agudos, os amanheceres mornos, os entardeceres compartilhados, as noites de lua, o vento nos teus cabelos encrespados pela umidade - e a isso tudo estranho.

SENTIDOS DEPORTADOS

Aproximo uma frágil crença aos sentidos deportados, despego humanidades nos territórios do medo, canto no lugar do grito, faço verdadeiros e atuais meus adiados desejos, recupero a carícia perdida com que abraçava cada amanhecer. Tornei possível a tolerância, o requerido. O que nunca alcancei virou sonho, posto que o amor não é outra coisa que ir-se amando e voltar amado.



PEDAÇOS

Disfarçadamente, guarda-se um pedaço de quem partiu.

A VOZ DAS PALAVRAS

A voz das palavras que me separam das ilusões é como uma luz. Festejo como se houvesse ganho toda a escuridão.



DE ALGUMA FORMA

Excluo um incômodo indesejável. Quando contra a minha vontade algum infortúnio presume que eu aceito enganos, acabo agrupado aos que se satisfazem com conhecimentos superficiais. Se essas atitudes não me matarem antes do tempo, se essa terra não me comer, sobreviverei de alguma forma

MEMÓRIAS DISPERSAS

Coletó histórias, transporto desanimadoras notícias para melhor suportá-las. Alcanço pouco, não disponho mais da memória que me diga aquele que fui, já não posso mais perder um só tempo procurando um modo de ser menos triste. Apago incômodos indesejados.



Roberto Curi Hallal

